

EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p285-298



#DIFERENÇA SEXUAL – PENSANDO E DISCUTINDO NA/DA SOCIEDADE DO COMPARTILHAMENTO

SEXUAL DIFFERENCE -
THINKING AND DISCUSSION IN SHARING SOCIETY

DIFERENCIA SEXUAL -
PENSAMIENTO Y DISCUSIÓN EN LA SOCIEDAD COMPARTIDA

Cristiano Sant'Anna¹

DOSSIÊ:

“CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS”

RESUMO

Partindo das premissas dos estudos nos/dos/com os cotidianos, esta pesquisa teve como objetivo pensar com imagens compartilhadas por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Abdias Nascimento, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense/RJ, as noções de diferença tecidas com essa prática em suas articulações com as narrativas que engendraram. As imagens foram compartilhadas na rede social da internet, o Facebook, em páginas correspondentes a grupos criados para este fim, denominados #Diferença e que operaram como dispositivo de pesquisa-intervenção, situando-se em um contexto que enunciamos como “Sociedade do Compartilhamento”. Buscamos pensar com fragmentos das redes de significações tecidas no momento em que eram compostas, problematizando conceitos, representações, dogmas e rupturas em relação a perspectivas tradicionais e hegemônicas da noção de diferença. A imagem que dialogamos nesse artigo, acompanhada de suas narrativas/análises, foi a imagem que gerou maior tempo de debate e que trouxe à tona várias polêmicas e preconceitos e que está inserido no que denominados #Diferença sexual. Nesse contexto e aliado a essa onda conservadora que estamos vivendo atualmente, tanto a imagem quanto as narrativas provocadas pelo debate ao redor da mesma, nos deu pistas para pensar nos múltiplos atravessamentos e bricolagens entre imagens e ideias de diferença que são criadas e circulam nas múltiplas redes educativas.

PALAVRAS CHAVE

Imagens, Redes Sociais, Diferença Sexual

ABSTRACT

Based on the assumptions of daily studies, this research aimed to think with images shared by third year high school students from the Abdias Nascimento State College, in Nova Iguaçu, Baixada Fluminense / RJ, the notions of difference woven with this practice in their articulations with the narratives they engendered. The images were shared on the internet social network, Facebook, on pages corresponding to groups created for this purpose, called #Difference and which operated as a research-intervention device, situated in a context that we enunciate as "Sharing Society". We seek to think with fragments of the meaning networks woven at the moment they were composed, problematizing concepts, representations, dogmas and ruptures in relation to traditional and hegemonic perspectives of the notion of difference. The image we talked about in this article, accompanied by its narratives / analyzes, was the image that generated the longest debate and brought to light several controversies and prejudices and is inserted in what are called # Sexual Difference. In this context and allied to this conservative wave that we are currently experiencing, both the image and the narratives provoked by the debate surrounding it, gave us clues to think about the multiple crossings and bricolages between images and ideas of difference that are created and circulate in the multiple educational networks.

KEYWORD

Images. Social Networks. Sexual Difference

RESUMEN

Sobre la base de los supuestos de los estudios cotidianos, esta investigación tuvo como objetivo pensar con imágenes compartidas por estudiantes de tercer año de secundaria del Colégio Estadual Abdias Nascimento, Nova Iguaçu, Baixada Fluminense/RJ, las nociones de diferencia entretejidos con esta práctica en sus articulaciones con las narrativas que engendraron. Las imágenes fueron compartidas en la red social de internet, Facebook, en páginas correspondientes a grupos creados para este propósito, llamados #Diferencia y que operaban como un dispositivo de intervención de investigación, situado en un contexto que enunciamos como "Sociedad Compartida". Buscamos pensar con fragmentos de las redes de significado tejidas en el momento en que fueron compuestas, problematizando conceptos, representaciones, dogmas y rupturas en relación con las perspectivas tradicionales y hegemónicas de la noción de diferencia. La imagen de la que hablamos en este artículo, acompañada de sus narrativas/ análisis, fue la imagen que generó el debate más largo y sacó a la luz varias controversias y prejuicios y se inserta en lo que se llama #Diferencia sexual. En este contexto y aliado a esta ola conservadora que estamos experimentando actualmente, tanto la imagen como las narrativas provocadas por el debate

que lo rodea, nos dieron pistas para pensar sobre los múltiples cruces y bricolajes entre imágenes e ideas de diferencia que se crean y circulan en las múltiples redes educativas.

PALABRA CLAVE

imágenes, redes sociales, diferencia sexual

1 INTRODUÇÃO

Os regimes de verdade que produzimos sobre nós mesmos, os outros e o mundo estão cada vez mais associados aos usos de imagens, assim como também estão associados a esses usos, os processos de subjetivação, as disputas em torno do reconhecimento e a participação política na sociedade contemporânea.

As imagens, como forma de pensamento, criam conhecimentos, mas, ao mesmo tempo, trazem também um conhecimento já produzido nelas.

Não podemos deixar de observar que toda imagem pode afetar-nos, produzir problematizações, fazer pensar sobre um determinado assunto, fraturar padrões cognitivos habituais, tecer novas ideias. Entretanto, cada praticante da cultura, inclusive da cultura visual, produz as suas próprias interpretações (ou seja, atribui sentidos) acerca de uma mesma imagem, pois, vemos uma imagem com as nossas redes de saberes, fazeres e afetos.

Ressaltamos que as imagens, estando implicadas nos processos de subjetivação e da tessitura das nossas redes de conhecimentos e significações, constituem vetores importantes nos processos de aprendizagem como invenção de si e dos mundos (KASTRUP, 2007).

As imagens fazem parte dos cotidianos das escolas e, dessa forma, são atuantes nas redes lá tecidas, inclusive, nas redes de conhecimentos e significações sobre a diferença e sobre “os diferentes” que lá se engendram.

Nesse contexto, entendemos nessa contemporaneidade que a profusão de imagens insere-se na “*Sociedade do Compartilhamento*” (SANT’ANNA, 2017) e as redes sociais da internet, tais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube*, *WhatsApp*, operam ocupando um papel de grande relevância nas relações que são tecidas na nessa sociedade onde imagens, pensamentos, opiniões, as mais diversas existentes, são publicadas, curtidas, comentadas e compartilhadas.

2 UMA PESQUISA COM IMAGENS NO SEIO DA CULTURA DIGITAL EM REDE

Para pensar a relação escola-tecnologia-imagem-diferença nas redes que se cruzam e entrecruzam (ALVES, 2008), mergulhamos nos cotidianos de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro,

O CE Abdias Nascimento, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, RJ, com a turma do terceiro ano do Ensino Médio, baseados na metodologia das pesquisas nos/com os cotidianos, pesquisa essa realizada entre 2014 e 2016, culminando na defesa de tese em 2017². Assim, buscamos problematizar os modos pelos quais as imagens da diferença são produzidas *dentrofora* da escola, especialmente, os modos relacionados ao consumo, à produção, ao compartilhamento e à apropriação de imagens.

Paralelamente, os alunos da turma que foi escolhida para a pesquisa foram convidados a postar uma imagem que, para eles, significasse a “diferença”, em grupos na rede social da internet, o Facebook, criados para este fim. Com essa finalidade, foi criada uma página para cada grupo nessa rede social que operou como dispositivo para a pesquisa que denominamos #DIFERENÇA.

Nessa contingência, mergulhar com todos os sentidos nos cotidianos das redes tecidas *dentrofora* da escola é também imergir nas redes sociais, nas quais professores e alunos se relacionam, interagem e criam conhecimentos e significações.

Em nossa proposta, imersos numa cultura imagética e digital, solicitamos que cada estudante, em separado, deveria postar uma imagem que, para ele, significasse ou traduzisse uma ideia de “diferença” e, nesse sentido, também postar seu comentário, dizendo por que aquela imagem representa a “diferença”. Ou seja, porque ele escolheu aquela imagem.

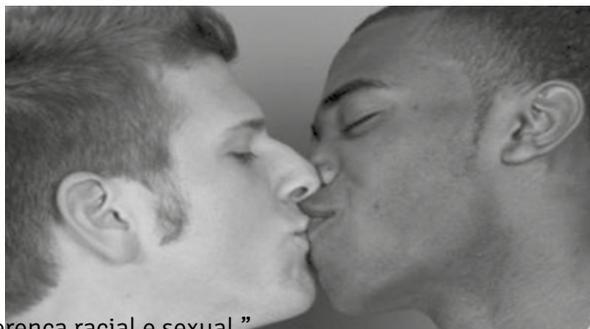
Após esse passo, promovemos um debate apresentado para todos os estudantes, todas as imagens postadas. Tivemos a oportunidade de observar, nesse debate de/sobre/com imagens, como assim denominamos, muitas opiniões/comentários sobre as imagens postadas com diferentes narrativas.

Mas, o que nos chamou atenção foi a reação à imagem que traremos para pensar neste artigo, pois foi a imagem que gerou maior tempo de debate e que trouxe à tona várias polêmicas e preconceitos.

Pensamos que essa questão atravessa os cotidianos da escola e múltiplas significações a respeito, encontram-se presentes nas redes desses estudantes que fizeram parte da pesquisa com seus comentários para todo o grupo.

Debate de Imagens - #Diferença Sexual

Pesquisador: “Aqui apresentamos a última imagem do Grupo 4. Pra vocês, é diferença?”



Estudante: “Aí é diferença racial e sexual.”

Estudante: “Sexual não. São dois homens se beijando; então, é igual.”

Pesquisador: “Vamos lá, gente, que diferença representa pra vocês?”

Estudante: “Diferença racial, sexual e social porque é estranho você ver dois homens se beijando.”

Pesquisador: “Vocês disseram: diferença racial e sexual porque, além de serem dois homens, são um branco e um negro. É isso mesmo? Quem gostaria de desenvolver?”

Estudante: “Para algumas pessoas, pode parecer comum e, para outras, não. Para outros, pode até parecer comum, mas algumas pessoas não aceitam isso. Eu falo por mim, porque isso ainda não entrou na minha cabeça achar que é normal. E isso está ficando tão comum que está aparecendo até em televisão. Tanto que até repercutiu na novela (“Em Família”)... até essa semana teve um beijo gay. Só que eu acho que essas coisas repercutem muito na boa porque é um dos canais mais importantes da televisão. Mas, também já aconteceu isso na emissora do SBT um tempo atrás e não foi um ‘selinho’, foi um beijo de língua mesmo. Teve um outro canal que aconteceu isso também, mas o que acontece na GLOBO, é o que está se vendo mais hoje em dia.”

Uma estudante interrompe e diz: “Não está ficando comum, está ficando aceitável e não é porque a gente não via que não existia; já existia. Mas, agora que estão abrindo espaço para essas pessoas porque têm muitas organizações que dão espaço para isso; então, a mídia começou a abrir espaços também para as pessoas abrirem a mente delas. Pelo fato da opção sexual ser diferente, eles não são diferentes, não importa se são homossexuais se beijando ou um casal hétero: continua sendo desrespeitoso. E não é pelo fato de ser uma mulher e um homem ou dois homens; tem que ser visto da mesma forma.”

Pensamos que essa fala pontua uma opinião carregada de preconceito e conservadorismo em que um beijo entre qualquer casal é desrespeitoso.

Um estudante comentou: “Isso é como um paradoxo. A pessoa diz que não aceita, mas respeita.”

Comentário de outra estudante: “Você não é obrigado a aceitar, mas você tem que respeitar. Ah, eu não gosto, mas você não pode oprimir a pessoa, fazer com que ela se sinta mal.”

Pesquisador: “E aí, mais alguém? Ela falou dessa questão de ser diferente, outro ser igual, quem acha que é diferente? O beijo ali é uma representação do que a gente está entendendo como homossexualidade, correto para todo mundo?”

A maioria diz: “Sim!”

A autora Guacira Lopes Louro (2008, p. 29-30, grifo do autor) no seu livro *Um corpo estranho* nos ajuda a pensar:

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da *norma*, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer. Ousando se expor a todas as formas de violência e

3 Gíria carioca para indicar um beijo em que os lábios apenas se tocam por um intervalo rápido de tempo.

rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites. A Ciência, a Justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e suas práticas distintos sentidos.

Uma estudante fala: “Não é que é diferente, só que é uma coisa que não tinha e agora está começando a ter.”

Um estudante diz: “Já existia!”

Outro estudante completa: “Mas, não com frequência!”

Comentário de outro estudante: “Existe liberdade de expressão, ‘direito de ir e vir’, só que antigamente não existia. É que a sociedade evoluiu muito de uns tempos para cá.”

O estudante comenta: “Mas, é meio hipócrita um casal de homossexual aceitar um casal hétero se beijando?”

Um estudante responde: “Mas, o normal é ver um casal hétero se beijando e não um casal homossexual e o fato de ver um homem e uma mulher se beijando faz com que a sociedade entenda que isso é o certo e não dois homens se beijando.”

Aqui o estudante insinua uma coisa importante, ou seja, que as imagens veiculadas à exaustão não representam e, sim, produzem, articuladas com outros textos culturais, modelos e referências do que é considerado normal, incluindo no que diz respeito ao gênero e à sexualidade. Fornecem os modelos para os processos miméticos em meio aos quais se realizam as aprendizagens culturais e também os repertórios que constituem o imaginário dos jovens (WULF, 2013).

Continuando, apresento depoimento de outro estudante: “Você não precisa aceitar porque, na verdade, eles não pediram para nascer gay.”

E o outro estudante diz: “Eles não nascem gays, mas uma coisa que ela cria é o hábito.”

Outra estudante rebate: “Nós não temos que julgá-los, até porque se eles vão para o inferno ou não, quem vai decidir isso é Deus.”

Alguns estudantes concordaram com ela.

Uma estudante diz: “Na minha opinião, não acho certo dois homens se beijarem porque a natureza é ser um homem e uma mulher. Mas, não julgo ‘você está errado e você está certa.’”

Um estudante interrompe e diz que: “Em uma sociedade, você precisa ter respeito e se você não tiver, você não vive.”

A estudante retruca dizendo: “Não é desconfortante dois homens se beijando? Sim!”

O estudante rebate dizendo: “Mas, isso é normal hoje em dia, em qualquer esquina você pode ver isso hoje em dia, então, não tem como fugir.”

Outro estudante diz: “No meu mundo, o certo é um homem e uma mulher se beijando, entretanto, não posso julgar a opção deles. Mas, não é legal eles ficarem se agarrando em público e não estou sendo hipócrita; o normal é um homem e uma mulher, é só minha opinião.”

Com essas falas também entendemos que:

A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto al-

guns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo (LOURO, 2008, p. 30).

E ainda podemos observar que a diferença ligada à sexualidade está intimamente ligada e reforçando o binarismo homem X mulher e homo X hétero.

Pesquisador: “Mas o que eu quero saber é se essa diferença incomoda vocês, essa diferença de dois homens ou duas mulheres se beijando?”

A maioria dos estudantes respondeu: “Sim”.

Pesquisador: “Em que sentido incomoda vocês?”

Estudante: “Depende muito do caso; vamos supor que uma pessoa esteja andando na rua e vê um casal de homossexuais e um casal de héteros se beijando. É claro que a pessoa vai se incomodar muito mais com os dois homens se beijando. O ato dos dois está errado, mas as pessoas vão ligar mais para o casal de homossexuais até porque o certo é homem com mulher. Eu também acho. **Deus criou Adão e Eva e não Adão e Adão ou Eva e Eva.** (grifo nosso) Você não tem que aceitar, mas sim respeitar. Você não pode sair agredindo, insultando a pessoa, você não pode julgá-la por **opção sexual** (grifo nosso) porque elas são pessoas normais como nós.”

Aqui encontramos uma fala que articula a sexualidade a uma moral ligada à religião e ao criacionismo⁴. Muitas igrejas cristãs, principalmente as evangélicas, como já denominamos no capítulo anterior, abominam qualquer relação sexual que não seja a que eles acreditam e ditam como “normal”, ou seja, a relação heterossexual entre um homem e uma mulher.

Pensando nessa relação religiosa, em um artigo⁵ que escrevemos com Caputo, Monsore e Freitas, publicado na Revista Teias, da UERJ, em 2014, denunciemos o Manual de Bioética⁶ da Igreja Católica distribuído na Jornada Mundial da Juventude (JMJJ)⁷ e no seminário em comemoração aos 10 anos do Ensino Religioso nas escolas da Secretaria de Estado de Educação/RJ (SEEDUC), em 2014, onde estivemos presentes.

Esse Manual contém várias páginas machistas, homofóbicas e transfóbicas, ratificando o ideário

4 O criacionismo se baseia na fé da criação divina, como narrado na Bíblia Sagrada, mais especificamente no livro de Gênesis na qual Deus criou todas as coisas, inclusive o homem. Lembrando que diversas culturas possuem sua versão própria do criacionismo, como é o caso da mitologia grega, da mitologia chinesa, cristianismo entre outras. Fonte: <<http://educacao.globo.com/biologia/assunto/origem-da-vida/criacionismo.html>>. Acesso em: 01 out. 2016.

5 CÂNDIDO, PANGLOSS E MARTIM: Otimismo e maniqueísmo a respeito dos 10 anos de ensino religioso no Rio de Janeiro. Fonte: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24386/17364>>.

6 Produzido pela Fundação Jérôme Lejeune, em parceria com a Comissão Nacional da Pastoral Familiar, organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o Centro de Estudos Biosanitários (Espanha) e com a Fundação Jérôme Lejeune (Estados Unidos), o Manual de Bioética, Keys to Bioethics ou “Chaves para a Bioética” é uma cartilha explicativa com as orientações da Igreja Católica sobre diversos assuntos tais como aborto, estupro, utilização de métodos contraceptivos, homossexualidade, transexualidade, família, pesquisas científicas, eutanásia, entre outros. Segundo o próprio texto do manual, “trata-se de uma apresentação objetiva das grandes questões de bioética com as quais somos todos confrontados, que nos deixam frequentemente desamparados” (CAPUTO, SANT’ANNA, MONSORES E FREITAS, 2014, p. 106). 7 A 28ª Jornada Mundial da Juventude foi realizada de 23 a 28 de julho de 2013, na Cidade do Rio de Janeiro e teve como lema “Ide e fazei discípulos entre todas as nações” (Mateus 28, 19). Nela, foram distribuídos mais de dois milhões de Manuais de Bioética.

cristão sobre gênero e que podemos observar em várias falas dos nossos estudantes.

Com ilustrações extremamente debochadas (reproduzimos algumas abaixo), a cartilha afirma que “a teoria do gênero supervaloriza a construção sociocultural da identidade sexual, opondo-se à natureza, gerando um novo modelo familiar e uma nova organização da sociedade”. Além disso, o texto condena, além da homossexualidade, a adoção de crianças por casais do mesmo sexo e a transexualidade. Tudo baseado em supostos estudos científicos e na bíblia. A página 69 diz, por exemplo, que: “Apesar de tudo, a união entre um homem e uma mulher é a única possível para gerar um filho e inscrevê-lo na continuidade das gerações”. (CAPUTO; SANT’ANNA; MONSORES; FREITAS, 2014, p. 106).

Além disso, entendemos que a ratificação da ideologia cristã de gênero, quer seja nas igrejas ou nas escolas, com o Ensino religioso, corrobora e reverbera em atitudes homofóbicas, levando muitos homossexuais, travestis, e transgêneros a sofrerem violência por sua condição sexual, como a fala da estudante abaixo, em depoimento sobre o tio dela:

“Meu tio é homofóbico e ele falou que se o filho dele virasse gay, ele o espancaria. Vai adiantar de quê? Isso não vai mudar em nada: se ele quiser continuar pegando homem, ele vai pegar.”

Pesquisador: “Todo mundo acha que isso é uma diferença?”

Turma: “Sim.”

Pesquisador: “E incomoda essa diferença?”

A maioria da turma respondeu que sim.

Pesquisador: “Essa diferença, vocês acham que gera mais preconceito? Vocês, que se incomodam, não teriam um amigo gay? Na imagem central, há dois preconceitos, racial e sexual: qual está incomodando mais?”

A turma responde: “Sexual; mesmo que fossem dois homens negros, o preconceito seria racial.”

Pesquisador: “Se for pensar assim, um negro não pode namorar um branquinho?”

A Turma ficou pensativa.

Estudante: “Para algumas pessoas, isso é comum e para outras, não. Não têm como ser a racial; a gente pode até respeitar, mas aceitar, aceitar mesmo, não.”

A estudante diz: “Eu acho assim: se eu falar que essa imagem não está me incomodando, eu estaria mentindo, eu tenho amigo gay. Se quiser beijar na minha frente, tudo bem, mas eu vou me incomodar; se minha amiga estivesse beijando o namorado dela, eu não me incomodaria porque estou acostumada, habituada a ver isso. Por isso, as pessoas não aceitam: porque elas não são acostumadas a ver isso.”

A estudante acrescenta: “Acho que, para uma criança ver isso, é estranho porque ela está acostumada a ver um homem e uma mulher se beijando e criança tem aquilo de imitar, então, para ela é estranho.”

Mais uma vez, as imagens veiculadas nas diferentes mídias e *espaçotempos* da cultura são tomadas como modelos ou referências a serem imitados e que constituem o imaginário das crianças e dos jovens. Nessa perspectiva, a ausência ou a pouca quantidade de imagens de relações homoafetivas nas múltiplas e articuladas redes de significações cotidianas, inseridas nas rotinas comuns de todos, no dia a dia, faz com que elas causem uma estranheza quando aparecem. Essa condição, essas imagens operam

produzindo questões, uma quebra no fluxo cognitivo habitual. Um incômodo. A discussão, no coletivo, pode ampliar a problematização posta pelo aparecimento da imagem ou, ao contrário, apaziguar seus efeitos. De qualquer forma, o padrão de normalidade foi posto em xeque, ameaçado, questionado, sem que os efeitos dessa provocação possam ser previstos ou controlados. Talvez, o que mais importe nesse momento, seja a atitude de problematização, de causar estranheza, de incomodar.

Na sequência, outra estudante segue explicitando, com sua fala, a influência dos dogmas cristãos no seu modo de conceber o mundo:

“Eu não gosto; eu tenho amigos gays, mas eles me respeitam, são pessoas maravilhosas, nunca se beijaram na minha frente. Eu sou da igreja e eles respeitam isso. Um chegou pra mim e falou que, às vezes, se sente errado. Eu falei pra ele que é uma opção dele, mas é porque está todo mundo em um padrão e, se ele está querendo, eu o respeito e ele me respeita, então, a gente nunca discutiu por isso. E, se um dia, ele se agarrar com o namorado dele, eu vou sair de perto, só isso.”

Pesquisador: “Pessoal, vamos sair dessa ‘parada’ do beijo; não estou falando de ficar se agarrando, mas, se o aluno(a) fosse homossexual, ele sofreria preconceito?”

Turma: “Claro que sim, sem dúvidas.”

O estudante comenta: “Eu acho assim: se você quer ser gay, você tem todo direito. Mas, têm aqueles que são escandalosos, escrotos e tipo se uma pessoa comum fizer esse papel de ridícula, ela não suporta, entendeu?”

Aqui entra a questão do juízo de valor com os gays. Ser afeminado, escandaloso, para alguns, incomoda e é visto de forma pejorativa e preconceituosa. Perspectiva que, além de ser homofóbica, machista e misógina, se abominam comportamentos e valores associados ao que é tido como o universo feminino, o qual, por sua vez, também é culturalmente construído no contexto de relações de poder.

Outro estudante: “A gente vai acabar acostumando-se com isso porque isso é novo; antigamente, as pessoas não aceitavam e, hoje em dia, as pessoas já estão aceitando e as coisas vão acabar mudando. Hoje em dia, se você passa na rua e vê dois homens se beijando, você vai achar estranho, daqui a algum tempo, isso não vai ser mais estranho.”

E mais um estudante completa: “Uma coisa que eu acho de bom na televisão, é que eles querem que as pessoas entendam que isso é normal.”

Pesquisador: “Agora vocês acham que a mídia quer realmente isso?”

Estudantes: “Sim, claro!”

Estudante: “A mídia, ela anda de acordo com a atualidade, então, ela tem que mostrar os acontecimentos. Goste a pessoa ou não.”

Outro estudante: “Pra você ver como a mídia quer mudar isso, antigamente, tinha a questão de horário para passar essas coisas, hoje em dia, não tem. Tem criança que vê isso e sofre influência.”

E outro complementa: “Eu acho que todos têm que ser respeitados.”

Nas falas que seguem, os estudantes trazem a importância e o papel da mídia nesse processo como responsável por divulgar a homossexualidade, quer seja nas novelas ou em programas de televisão.

Saliento também que as falas estão envoltas de ideias conservadoras que circulam em vários espaços, principalmente nos espaços religiosos, como já mencionamos, como um poder disciplinar e normalizador e, com isso, trazemos novamente o manual religioso, já citado, para o nosso diálogo:

Consideramos que seja, portanto, mais um material que vai na contramão de estudos de edu-

cadres que, com suas pesquisas e ativismo cotidianos buscam desconstruir a ideia de que as identidades sexuais são determinadas por estruturas biológicas, neurais e hormonais, o que serve somente para a patologização das inúmeras maneiras de se viver as sexualidades. Estudos, chamados de “transviados”, ou mesmo “queer”, desenvolvidos, por exemplo, pela professora Berenice Bento, da UFRN, autora de “A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual” (2006) e “O que é transexualidade?” (2008). Para Bento é preciso avançar na própria teoria de gênero, mas em uma perspectiva mais democrática e inclusiva ainda, já que, de acordo com ela, os estudos transviados, por exemplo, não perguntam o que é um homem ou o que é uma mulher. Tampouco questionam qual é a diferença entre um homem e uma mulher, mas sim para que serve esse lugar de homem e de mulher na nossa sociedade. Além disso, a autora também afirma que a prerrogativa da feminilidade não está na presença do útero. Exatamente porque gênero e estrutura biológica não definem o que é um ser humano. (CAPUTO; SANT’ANNA; MONSORES; FREITAS, 2014, p. 108).

Pesquisador: “Quem aqui acha que se uma criança vê uma cena dessa, ela vai querer fazer uma coisa dessas ou vai se tornar homossexual?”

Turma: quinze pessoas acharam que sim; sete, não!

Um estudante diz: “Eu acho que a homossexualidade vem desde o nascimento por que eu já vi um amigo do meu sobrinho, que é criança, ele sempre quer fazer papel de mulher e ele dança igual a uma mulher, eu acredito que aquilo ali veio dele; eu acho que a TV influencia sim!”

Outra estudante: “Eu não acredito que uma criança nasça com isso porque a criança absorve tudo que está em volta dela. Se um menino nasce em uma família que só tem menina, ele vai aprender a brincar de boneca, vai passar a gostar de fazer tudo isso, mas basta os pais ensinarem que o tipo de brincadeira dele é outra e que ele tem que brincar com meninos... eu quando era criança jogava bola, soltava pipa e minha mãe chegou pra mim e me ensinou que o tipo de brincadeira que eu tinha que brincar era outro e eu aprendi que criança absorve tudo sim.”

Um estudante diz: “Como ela disse, a criança, ela está em uma formação social, logo, está começando a criar uma ideia de vida. Se você a colocar para ver dois homens se beijando, ela irá achar algo normal. Logo, irá querer fazer também.”

Outro estudante rebate: “Eu acho que personalidade não se cria, se nasce; se você nasce gay, você irá ser. Cabe aos pais ensinarem que a sociedade é assim, tem homem e mulher que se beijam e homem e homem também; basta os pais ensinarem a ele o caminho que ele quer escolher.”

O estudante coloca: “Eu acho que tem como mudar sim. A criança, quando ela nasce, ela começa a aprender o que é certo e errado; é responsabilidade dos pais personalizarem o caráter da criança. Exemplo: a criança vê uma cena dessas na TV, claro que têm muitos pais que não ligam: “Ah, não vai influenciar em nada não.” É claro que se o pai não ligar e falar o que é certo e errado, pode sim influenciar uma criança, ela vai achar que “ah meus pais não falaram nada, então, é certo fazer.”

A estudante diz: “Não acredito no estudo de que a pessoa nasça gay. Na minha opinião, se isso fosse comprovado na ultrassonografia, o médico diria: ‘seu filho é do sexo masculino, mas ele é gay’. Por isso, não acredito. Mas, pode ser verdade.”

Ouvindo essas falas, mais uma vez, dialogamos com Louro (2008, p. 15):

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. [...].

E outro estudante: “Ultrassonografia não tem como ver se a criança vai nascer hétero ou bissexual, mas você vai descobrir com o tempo acompanhando o crescimento da criança.”

Um estudante indaga: “Se Deus já sabia que a criança iria nascer gay, porque não fez nascer mulher?”

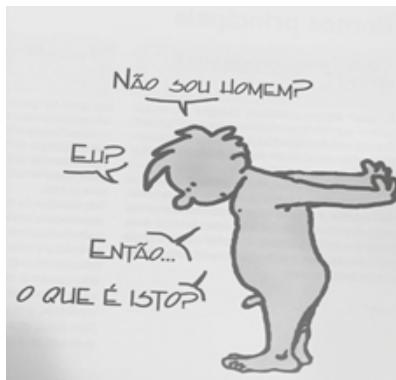
Outro estudante diz: “Criança não pensa nessas coisas; só passa a pensar nessas coisas na adolescência.”

Muitas falas e muita discussão.

Pesquisador: “Independentes e a criança nasce ou não nasce, isso é outro parâmetro. O essencial que eu quero saber é: incomoda vocês?”

E a maioria responde que sim. Passamos para outra imagem.

Com tantas falas que entendemos ser preconceituosas e conservadoras, ligadas à religiosidade cristã, mas também à escolarização e a outros processos socioculturais, lembramos mais uma vez do Manual da Bioética da Igreja Católica e mostramos aqui uma das várias imagens (p.71) para pensarmos em contraponto às falas sobre a questão de nascer homossexual e à ligação do feminino/masculino ligado ao órgão sexual:



3 URDINDO PONTOS PARA UMA CONCLUSÃO

Entendemos aqui e acreditamos, principalmente, que todas essas falas dos estudantes que participaram da nossa pesquisa, que essa discussão sobre a diferença de gênero e sexualidade, aparecem carregadas de preconceitos; principalmente por serem na sua maioria jovens de 17 a 18 anos, opiniões e falas envoltas de dogmas religiosos e relações de poder, que nos dão pistas para problematizar uma educação sexista que também produz a diferença entre gêneros-sexos e a heteronormatividade.

As questões de gênero e sexualidades estão nas escolas e integram as redes que lá se cruzam e se entrecruzam. Setores políticos conservadores ligados às igrejas com ideologia cristã impediram que chegassem às escolas o material elaborado pelo MEC, com a contribuição dos movimentos sociais, dentro do Programa Brasil sem Homofobia do Governo Federal (2004).

Pensamos que um currículo que privilegie essas questões pode tirar a venda do preconceito de muitos estudantes e, com isso, trazer à tona uma possível diminuição de violência cometida aos homossexuais pelo simples fato de não se encaixarem no padrão dominante da sociedade. “Novas identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura, longe de ser monolítica, é, de fato, complexa, múltipla, desarmoniosa, descontínua.” (LOURO, 2012, p. 42).

Ainda com Louro (2008), podemos considerar uma pedagogia e um currículo *queer*⁸, trazendo para o espaço escolar as diferenças e multiplicidades de sujeitos:

Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o “outro” é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao dirigir para os processos que produzem diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2008, p. 48-49).

E entendemos assim a importância de ter um currículo e uma escola que não estejam preocupados somente com o respeito e a tolerância nem tampouco com datas comemorativas ou momentos estanques para discutir os processos advindos do que seja tomado como diferença, seja ela qual for.

E a polêmica se repete na Bienal 2019...

8 [...] Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2008, p. 8).



REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês B. de (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP, 2008, p. 15-38.

CAPUTO; SANT'ANNA; MONSORES; FREITAS. CÂNDIDO, PANGLOSS E MARTIM: Otimismo e maniqueísmo a respeito dos 10 anos de ensino religioso no Rio de Janeiro. Fonte: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24386/17364>>. Acesso em: 01 out. 2019.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho – Ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer**: um debate contemporâneo na educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Currículo, Gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 41-53.

SANT'ANNA, Cristiano. #DIFERENÇA: pensando com imagens dentrofora da escola. Tese de doutorado, Proped/UERJ, 2017. Disponível em www.proped.pro.br

WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

Recebido em: 30 de Março de 2018

Avaliado em: 5 de Maio de 2018

Aceito em: 10 de Agosto de 2018



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Como citar este artigo:

ROMEO, Andrea. Lo special account del fenomeno religioso nel dibattito nordamericano. *Argumenta Journal Law*, Jacarezinho – PR, Brasil, n. 29., 2018, p. 15-48.
DOI: 10.17564/2316-3828.2018v7n1p13-24



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhual CC BY-SA

1 Doutor e Mestre em Educação pelo Proped/UERJ, Vice Coordenador e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Kékeré (Proped/UERJ), Pesquisador do Grupo de Pesquisa CUNADI (Proped/UERJ) RJ, Brasil,
E-mail:cs-medeiros@uol.com.br, Tel: (21) 999545317

